

RUY DUARTE DE CARVALHO: A VIAGEM, O DISCURSO E A POESIA

Laura Regina dos Santos Dela Valle¹

RESUMO: Ruy Duarte de Carvalho foi um grande representante da literatura angolana, contudo, sua importância tem sido pouco evidenciada. Nesse sentido, este trabalho visa diminuir o vazio relativo ao reconhecimento do seu lugar entre os autores africanos atuais. Desse modo, faremos uma breve demonstração de seu trabalho, que se baseou na pesquisa realizada por ele junto de uma sociedade do deserto do Namibe, os Kuvale². Para Ruy Duarte, o espaço transcende os limites da realidade física, visto que também é o lugar da criação e da ficção. Para o outro (Kuvale) esse espaço (vivido) parece representar a extensão da própria vida, já que nessa relação de pertencimento é possível observar o estabelecimento de um acordo coletivo entre esses sujeitos e o lugar. Ruy Duarte empenhou grande parte de sua vida no estudo dessas relações, propondo-se a ir lá viver com eles. A viagem, o discurso e a poesia foram os veículos utilizados para expressar o que a experiência lhe proporcionou. Sendo assim, essas temáticas também nortearão o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Ruy Duarte de Carvalho. Viagem. Espaço. Autoficção. Poesia.

ABSTRACT: Ruy Duarte de Carvalho was a great representative of the Angolan literature, however, its importance has been little evident. In this sense, this work aims to reduce the gap on the recognition of its place among the current African authors. Thereby, we will make a brief demonstration of his work, which was based on research carried out for him with a Namib desert society, Kuvale. For Ruy Duarte, space transcends the limits of physical reality, since it is also the place of creation and fiction. To the other (Kuvale) that space (living) seems to represent the extension of life itself, since that belonging relationship you can see the establishment of a collective bargaining agreement between the subjects and the place. Ruy Duarte committed much of his life in the study of these relations, proposing to go live with them. The trip, speech and poetry were the vehicles used to express that experience gave him. Therefore, these issues also guide the development of this work.

Keywords: Ruy Duarte de Carvalho. Travel. Space. Autofiction. Poetry.

1 Introdução

Que autor, de fato, não terá sonhado escrever um livro
que seja quem for o venha abrir numa hora qualquer
para encontrar aí uma cumplicidade que
talvez nem sempre lhe tenha assistido
ao longo de seu próprio destino [...].

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Estudos de Literatura – Literatura Portuguesa e Luso-Africanas pela mesma Universidade.

² Constituem uma sociedade pastoril acionada por instituições comuns a muitas outras sociedades pastoris africanas, dispostas a sul e sudeste das nossas, depois largamente a leste e pela costa oriental acima até às Etiópias. (CARVALHO, 2000, p. 22).

Ruy Duarte de Carvalho (2005)

Dizer de Ruy Duarte de Carvalho é, basicamente, a razão deste trabalho. Quando o conheci, por meio de sua obra, encontrei a cumplicidade a que ele se refere no excerto da epígrafe acima, e que escolhi para introduzir este estudo. Ele não foi apenas um autor de Literatura Angolana, mas um visionário com a rara capacidade de aliar visão e competência: “Era a clássica estória daquele que entra no jogo antes de tempo e depois, quando chega a hora de jogar, já não acha graça, já está mas é noutra” (CARVALHO, 2007, p. 155). E, como todo grande gênio, não foi compreendido em seu próprio tempo: “o que poderá pensar-se, saber-se, reconhecer-se, de um rinoceronte sozinho, no meio da estepe e sem ninguém a vê-lo?” (CARVALHO, 2007, p. 156).

A comparação metafórica que ele faz de si mesmo revela a plena consciência de sua condição. Devido a tal desconhecimento, também deixou de alcançar, em vida, o devido reconhecimento ao seu trabalho em âmbito global. No Brasil, Ruy Duarte ainda é minimamente estudado, havendo poucos trabalhos referentes à sua obra, sendo que se limitam, quase sempre, às obras *Os papéis do inglês* (2007) e *Desmedida* (2010) por serem as que têm edição brasileira recente. A maior parte da produção literária do autor já está esgotada, inclusive em Portugal, na editora Cotovia. Esses fatores também contribuem para a manutenção desse desconhecimento acadêmico em relação a ele.

Duarte foi um autor detentor de uma personalidade curiosa e fascinante e produtor de um trabalho de igual teor. Ao longo de sua pesquisa com o povo Kuvale, no deserto do Namibe, desenvolveu profundas reflexões referentes às relações entre o colonizador e o colonizado. Realizou esse trabalho sempre envolto por viagens, discursos (sociais, políticos, culturais, etc.) e poesia de modo intenso e apaixonado. Desse modo, esboçaremos a importância desse autor observando o seu modo de se colocar diante de tais assuntos e a visão de alguns importantes teóricos de Literaturas Africanas.

2 Quando o assunto é viajar...

não há tempo sem espaço e sem movimento,
é essa a condição de todas as percepções
e de todas as relatividades.

Ruy Duarte de Carvalho (2000)

A viagem em Ruy Duarte de Carvalho parece ser uma temática que fascina os estudiosos, pois observamos que muitos trabalhos falam sobre isso. Tal referência se justifica por ser a viagem uma espécie de identidade do autor, conforme afirma Marta Lança: a “vida inteira viajante, Ruy Duarte cultivava da viagem o arrebatamento e a emoção, atravessando, gerindo, procurando as proximidades e diferenças” (LANÇA, 2010, p. 222). A autora ilustra poeticamente o principal aspecto da personalidade de Duarte, pois viver em trânsito era a sua motivação.

De modo semelhante Rita Chaves comenta que “Os múltiplos sentidos da mobilidade e a direção do sul são pontos presentes no projecto intelectual de Ruy Duarte de Carvalho” (CHAVES, 2012, p. 127). Essa é uma questão bastante relevante, visto que a importância dessa movência tem como referente o Sul de Angola, mais precisamente os pastores que habitam essa região. Assim como também esclarece Chaves em outro momento: “Em *Vou lá visitar pastores*, a ideia manifesta-se já no título, metaforizada na visita a uma terra distante, muito bem sugerida pelo advérbio ‘lá’. E são muitas as viagens aí contempladas” (CHAVES, 2005, p. 4). A obra citada pela autora pode ser vista como uma metáfora da viagem, já que ela acontece de modo objetivo e subjetivo, simultaneamente.

Em relação ao que foi citado anteriormente, Laura Cavalcante Padilha alia a seguinte ideia: “O convite para que o leitor se faça, ele também, um viajante, aparece na antecena dos Pastores, quando, em sua pele de autor, o romancista diz ser a obra a descrição/narração – etnográfica? Romanesca? – de uma viagem” (PADILHA, 2012, p. 138). Nesse sentido Ruy Duarte convida seu interlocutor, que tanto pode ser seu amigo ou o próprio leitor, a viajar junto com ele no texto: é a viagem subjetiva da linguagem. Contudo, o convite para seguirmos com ele nesse percurso não se configura ao acaso, conforme Padilha:

A acidez crítica do sujeito da enunciação quer atingir o receptor do enunciado, para que este repudie a representação mascarada da cultura dos pastores Kuvale, bem como os modos de vida e os mores simbólicos e ontológicos em que tal cultura se sustenta, apesar – como é afirmado em outro trecho do romance – do desconhecimento ou até mesmo das certezas emanadas de outra forma de império”. (PADILHA, 2012, p. 139)

Desse modo, a viagem é o pretexto do autor para que o conhecimento da realidade Kuvale pudesse ser lentamente construído no imaginário do seu interlocutor, ao mesmo tempo em que ia desconstruindo supostas imagens etnocêntricas pré-construídas. Sendo assim, “A marcha para o conhecimento do universo pastoril Kuvale é um quase convite para que

declaremos guerra a esse modo de governação, máscara de diversas formas de colonialidade que continuam a estar onde sempre estiveram” (PADILHA, 2012, p. 139).

Além disso, o deslocamento se inscreve, no panorama geral da obra de Ruy Duarte de Carvalho, como cenário das representações possíveis: a viagem no espaço e no texto. Sobre essa questão Ana Lúcia Liberato Tettamanzy esclarece que “A dupla inscrição do deslocamento é explicitada em vários dos textos ensaísticos do autor, que reflete sobre sua privilegiada condição de antropólogo e poeta/escritor” (TETTAMANZY, 2012, p. 8). Do mesmo modo Rita Chaves também analisa essa questão na obra do autor:

Passamos a saber que a viagem, mais uma vez no exercício literário de Ruy Duarte de Carvalho, mescla-se à escrita, misturando-se aos refinados processos que integram as suas estratégias de representação. No plano temático e/ou no nível da estrutura de suas obras, os deslocamentos inscrevem-se como presença determinante, como pudemos já verificar em títulos diversos como *Vou lá visitar pastores*, *Os papéis do inglês*, *Actas da Maianga* e *As paisagens propícias*. A novidade aqui é, então, o alcance do movimento: a narrativa sai de Angola, ultrapassa as fronteiras físicas do continente, que o escritor já pôs em causa em *As paisagens propícias*, e chega ao Brasil, fazendo do nosso território o seu campo de observação, não só para ver a nós, os brasileiros – que ele começou a conhecer muito antes do primeiro contato direto com o país –, mas também para ver como angolano, subvertendo uma ação que se vem disseminando há décadas: o gesto de olhar a África para se compreender o Brasil. (CHAVES, 2010, p. 18-19)

A obra referida por Chaves no final do excerto acima é *Desmedida – Luanda- São Paulo- São Francisco e volta – crónicas do Brasil*, nela a temática da viagem é a base da narrativa. Sendo assim, esse livro admite muitas derivas, se considerarmos as múltiplas qualidades e personalidades do narrador multifacetado: viajante, etnólogo, cineasta, além de cronista/ensaísta nas suas sarcásticas críticas e interrogações sobre a legitimidade da história oficial. Essa foi uma das poucas obras de Ruy Duarte publicadas neste lado do oceano, e, desse modo, acabou suscitando muitas leituras. Sobre o livro Rita Chaves ainda comenta:

O longo título é indicativo de duas faces determinantes na estrutura da narrativa. Trata-se, percebemos logo, de um livro em que a viagem é um de seus aspectos mais destacados e a modalidade crônica vai definir a condução da escrita, numa combinação que nada tem de insólito. A associação entre a crônica e a viagem foi sempre cultivada e surpreenderia ainda menos aqueles que sabem que o autor é também um antropólogo, profissão em que são inerentes os laços de parentesco entre os deslocamentos e a escrita. (CHAVES, 2006, p. 280)

A obra apresenta certa história inscrita em um panorama cruzado pelos destinos de Angola e Brasil, como no período da ocupação holandesa, ou os momentos do passado histórico

brasileiro que servem para explicar o presente angolano. “Um relato de viagem sobre o Brasil seria apenas mais um não fosse a diferença de perspectiva que essa narrativa inaugura. Trata-se agora não de um viajante do centro atrás de novidade no reino da botânica ou da zoologia” (CHAVES, 2012b, p. 150). Nesse contexto “Ruy vem do outro lado do Sul e vem se confrontar com a contemporaneidade que ele sabe atravessada por todas as contradições que há no mundo” (CHAVES, 2012b, p. 150).

Em *Desmedida* é explícita a importância da viagem, comprovando mais uma vez que Ruy Duarte de Carvalho era também um transumante como os pastores do deserto da Namíbia. Ele passou toda a sua vida em trânsito, pois “mais que o achado vale sempre a busca” (CARVALHO, 2007, p. 177). Para o autor a viagem tornou-se a razão de todos os acontecimentos e motivações, resultando em uma curiosa e interessante produção literária; assim como define Manuela Ribeiro Sanches³:

São todos textos de viagem. Viagem de antropólogo a caminho do terreno, narrando a um interlocutor privilegiado as suas experiências, contando os pastores kuvale a um amigo em Londres, ou o Brasil ao amigo pastor. Diálogos, monólogos, a acompanhar trânsitos entre Lisboa, Luanda, Nova Iorque, entre Angola e o Brasil. Viagens não só entre lugares, mas também entre textos que com ele viajam, o inspiram: desde estudos sociológicos ou antropológicos, a romances, narrativas de viagem, ensaios filosóficos, todos eles adquirem essa mobilidade nómada que o analista dos pastores kuvale parece partilhar com os seus ‘objectos de estudo’. Viagens entre o terreno, as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’, entre ‘centros’ e ‘periferias’, rio acima, no Brasil, evocando Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, bem como Cendrars, deixando-se fascinar pelo aventureirismo de um Sir Richard Burton (*Desmedida*). Viagens entre livros, mergulhando em textos ou em reflexões ensimesmadas, o Eu a virar-se sobre si mesmo e as leituras, hesitando entre o mundo interior, para logo se abrir ao pormenor empírico de uma certa luz, um certo relevo, em que lê modos de entender o mundo em geral. (SANCHES, 2008, p. 4)

Para finalizar Sanches ainda comenta a viagem em Ruy Duarte de Carvalho considerando-a como alternativa possível de se olhar o mundo, mas “menos segundo uma equidistância a confirmar certezas, do que decorrendo de um envolvimento múltiplo que leva a que a subjectividade surja na sua dimensão mais auto-reflexiva e menos segura de si” (SANCHES, 2008, p. 4). Por tudo que foi visto até esse ponto, podemos inferir que a viagem

³ Em texto intitulado “Outros lugares, outros tempos. Viagens pela colonialidade com Ruy Duarte de Carvalho”, apresentado em mesa-redonda que integrou a Exposição “Dei-me a um exaustivo labor...”, realizada no Centro Cultural de Belém (Lisboa), em fevereiro de 2000.

constitui uma temática abundante e rica na obra de Duarte, posto que, como explicitamos no início deste texto, constitui a própria personalidade do autor que se manifesta na escrita.

3 Quando o assunto é a escrita de si...

Vou ter que contar-me, tratar-me, pois,
enquanto personagem dessa história.

Ruy Duarte de Carvalho (2007)

A autoficção encontra o seu lugar na obra de Ruy Duarte de Carvalho devido, talvez, aos constantes questionamentos sobre seu próprio fazer literário, sobre si mesmo como personagem enredado pelas malhas da narrativa, sobre a sua função ética como escritor e contador de histórias reais. Essas questões têm se mostrado um vasto campo para análises teóricas em diferentes áreas do saber como antropologia, literatura, história. Observa-se que Ruy Duarte desenvolve uma narrativa muito interessante e diferente de tudo que já havíamos presenciado. É a “meia-ficção”, referida pelo autor na Conferência da Gulbenkian⁴:

..... estou a sair da Namíbia onde de há cinco meses a esta parte tenho usufruído do luxo de poder dedicar-me exclusivamente a um livro que estou escrevendo é um livro de meia-ficção, na sequência de outros em que tenho tentado essa modalidade, e cuja ação se desenvolve em grande parte no sudoeste de Angola e no noroeste da Namíbia, onde subsistem precisamente populações que eu posso identificar com o tal OUTRO absoluto que tenho vindo a referir..... (CARVALHO, 2008, s/n)

Essa modalidade criativa desenvolvida por Duarte tornou-se a sua marca estilística; nela a realidade e a ficção (dele e do outro) se confundem e se entrelaçam. Tal questão pode ter se originado na sua experiência pessoal, pois o autor passou parte de sua vida vivendo com o “outro” e, ao falar desse outro, acabou falando também de si mesmo como personagem integrado nesse mundo diferente. Ana Lúcia Tettamanzy retoma essa questão do seguinte modo: “temos na escrita de Ruy Duarte um narrador e também um personagem de si mesmo,

⁴ Intervenção do autor na Conferência da Gulbenkian a 27 /10/2008 cujo título geral era: “Podemos viver sem o outro?” e foi publicada no livro com o mesmo título, vários autores, pela Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Disponível em:< <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/tempo-de-ouvir-o-outro-enquanto-o-outro-existe-antes-que-haja-so-o-outro-ou-p>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

como concretamente as referências intertextuais e autobiográficas permitem perceber em vários de seus textos, que imbricam os limites de ficção e realidade” (TETTAMANZY, 2012, p. 9).

Semelhantemente Rita Chaves acrescenta que na narrativa de Ruy Duarte ocorre a materialização do “gesto de encarar o passado como local em que se fundam os condicionamentos do presente” (CHAVES, 2010, p. 14), como uma atividade memorialística. Além disso, a autora ainda observa que se trata de “um tipo de memorialismo que supera o plano do pessoal e converte-se numa forma de autobiografia coletiva” (CHAVES, 2010, p. 14). Nesse sentido, o que está em jogo não é o plano pessoal do autor atravessado pela presença do outro, mas o plano coletivo do outro influenciado pela presença do autor. Desse modo, ele se inscreve nessa realidade, tornando-se personagem de si mesmo como bem menciona Tettamanzy no parágrafo anterior.

Tudo isso corrobora para ratificar a postura ética de Ruy Duarte, conforme podemos verificar a seguir: “.....o narrador em que me constituo continua a não ser capaz de colocar-se naquela situação em que o autor se apodera da consciência do outro..... apenas disponibiliza o que o outro lhe terá feito saber de si mesmo” (CARVALHO, 2008, p. 23). Observamos que o narrador não representa a sua figura real institucionalizada, mas a figura de um sujeito que, ao adentrar no espaço do outro se torna personagem de si mesmo para conseguir soltar as amarras institucionais. Para ilustrar o exposto, Laura Padilha esboça um belo panorama em relação à escrita do autor:

No romance de Ruy Duarte, a linguagem é retomada como espaço de recuperação do sujeito como ser histórico e social e o narrador é um verdadeiro contador de histórias “da própria ficção do mundo” e seduz pela palavra. Sua voz é múltipla, inclui no seu relato, como já dissemos, a própria experiência, mas sobretudo a experiência alheia. Com o domínio da palavra, vai astuciosamente conduzindo o leitor a achar o fio que lhe permita passar atento pelos caminhos textuais densamente construídos. Para o leitor, encontrar a significação dos papéis e tesouros guardados no labirinto do texto representa a possibilidade do encontro com a sua própria história, a compreensão de si mesmo e do mundo que o rodeia, já que a experiência da leitura lhe proporciona o questionamento e a recriação. (PADILHA, 2010, p. 162)

O texto trata da obra *Os papéis do inglês*, mas as questões levantadas pela autora podem ser aplicadas ao conjunto da obra de Ruy Duarte, já que o todo possui características semelhantes em relação à escrita. Principalmente no que se refere ao narrador, que pode ser identificado por características específicas, assim como refere Padilha. Uma delas é a capacidade de delimitar o espaço da experiência pessoal do autor e o da experiência alheia.

Contudo, esse processo se constrói de maneira harmoniosa, como relata Luís de Quintais em texto publicado no Jornal RDC⁵:

O Ruy reivindica uma espécie de fusão do eu na paisagem. As suas etnografias são sempre auto/hetero-etnografias em que o interior e o exterior se anulam, em que a metáfora se faz carne, em que o olhar não é um dispositivo de construção da distância. (QUINTAIS, 2008, p. 5)

Podemos ainda ir além, pois percebemos que a fusão referida pelo autor ultrapassa os limites da paisagem e se mistura à vida do outro. Conforme acrescenta Tettamanzy “A experiência de campo, ou o estar junto, constituem, portanto, suporte da escrita etnográfica que utiliza a configuração narrativa como forma de produção de pensamento” (TETTAMANZY, 2012, p. 7). Desse modo, o autor cumpre sua função de autor comprometido com a causa daqueles que vivem e se movimentam pelas margens, ou seja, representa a “paradoxal posição de sujeito periférico que domina os instrumentos ocidentais” (TETTAMANZY, 2012, p. 15) para advogar em defesa deste “outro”.

4 Quando se fala de poesia...

O poeta acorda,
possui-se do que vê.

Ruy Duarte de Carvalho (2000)

Outro aspecto bastante produtivo para a análise crítica da obra de Ruy Duarte de Carvalho é a poesia. Apesar de não ser extensa, pois à medida que começou a escrever ficção foi deixando de escrever poesia, é de uma riqueza inquestionável. Segundo afirma Marli Paz de Souza⁶ “Ruy Duarte movimenta as palavras, buscando, assim, revitalizar a linguagem, como que descerrando seus mistérios ocultos, revelando-se a poesia” (SOUZA, 2007, p. 40). A obra poética do autor encontra-se reunida em *Lavras*, publicada em 2005, e há muito vem sendo

⁵ Elaborado para apresentar a exposição sobre a vida e a obra do autor intitulada *Dei-me portanto a um exaustivo labor* - Ciclo Ruy Duarte de Carvalho no CCB (Lisboa), ocorrida de 12 a 17 de fevereiro de 2008.

⁶ Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Literatura e Cultura.

objeto de análises e reflexões. Em relação à escolha do título dessa obra, Cláudia Oliveira Cardoso sugere que não se trata de algo aleatório, pois:

Em primeiro lugar, o ato de lavar, cultivar a terra, é um ato simbolicamente sagrado, pois estabelece uma ligação transcendente do homem com a terra e o céu. Preparar o solo, plantar e colher compõem um ciclo de fertilidade, de gestação do alimento do corpo e, por consequência, do espírito. O ato de escrever, por sua vez, pode ser comparado à lavra, na medida em que, ao selecionar as palavras que irão compor o poema, preparando assim o solo da folha em branco, os poetas ensejam colher imagens plurissignificativas, capazes de reconfigurar a realidade. A poesia é, sobretudo, tempo, que se renova a cada ciclo e faz germinar novas ideias e percepções, como em qualquer lavoura. (CARDOSO, 2011, p. 3)

Parece bem apropriada a definição da autora para o título da obra poética de Ruy Duarte, pois, conhecendo a sensibilidade estética do autor, sabemos que os elementos que compõem suas obras são sempre carregados de múltiplos sentidos. Ou seja, resultam de um apurado trabalho de artífice que, conforme Rita Chaves, possui um olhar poético capaz de reconhecer que “precisa, simultaneamente, exercitar a percepção que o ofício reclama e extrair a carga simbólica que ali se guarda” (CHAVES, 2005b, p. 121).

Além disso, a poesia de Ruy Duarte possui uma função social mobilizadora de diversos elementos. Rita Chaves enfatiza que no plano da memória “o exercício poético reassume a função quase mágica, em termos de abstração e egoísmo, de reacordar sentidos, retecendo malhas caracterizadas pelo corte – fendas que situam o homem no espaço desconcertante do desencontro” (CHAVES, 2005b, p. 122). Desse modo, percebemos que a poesia do autor não é feita apenas para o louvor lírico, já que não se esgota em si mesma. A força que emana do fazer poético faz com que ela se movimente “em direção ao outro, a poesia se define como uma energia que acredita e, portanto, busca a aliança com o outro, força mítica que, na pluralidade do tempo poético, vai assumir diversas formas” (CHAVES, 2005b, p. 122).

De modo semelhante, Márcia Santos dos Nascimento evidencia que tal função poética também se estende à paisagem, mostrando a harmoniosa relação entre homem e natureza:

Este poeta-etnógrafo realiza uma reconstrução, em etnopaisagens, nas malhas das letras do corpo cultural que se mantém vivo, transformando-se em espaços profícuos para a inscrição, por intermédio da oralidade, da língua e desse corpo textual africano na escrita. Nesse sentido, a palavra torna-se um dispositivo para acessarmos a memória coletiva dessas comunidades e esse poeta, instrumento de sonoridade para orquestrar as relações entre homem e a natureza. (NASCIMENTO, 2010, p. 69)

Nesse contexto o poeta evoca elementos da memória, do tempo e da vida cotidiana, revelando “o potencial literário da realidade” (CHAVES, 2005b, p. 123). Podemos inferir que Ruy Duarte potencializa sua energia criadora para produzir uma poesia inspirada na vida e nas relações observadas. O autor busca no passado histórico os elementos para situar o presente. Este fornece subsídios para a realização da arte literária, que recupera os elementos citados para transformá-los e remodelá-los em função do fazer poético. Com isso, verificamos que, também na poesia, Ruy Duarte realiza uma trajetória transumante em busca de possíveis modos de efetivar a comunhão das vozes do sul. Rita Chaves reforça que o autor parece destinado mesmo a ser “um caminhante, lúcido na tarefa heroica de percorrer todas as paisagens” (CHAVES, 2005b, p. 122). Nesse sentido, a autora considera que o modo como Duarte avança em tempos desfavoráveis a esse tipo de comunhão indica a realização de uma epopeia poética; e ainda:

O processo de juntar realidade e poesia, resgatando do repetido e insólito jogo da vida o sentido mágico que o cotidiano pode turvar, constitui uma tarefa que exige o domínio e, não raro, a fabricação dos instrumentos necessários à expressão das verdades que se querem anunciar. É nesse instante que a sondagem lírica afia as suas armas e, associando-se ao terreno épico, aponta para um dos signos da modernidade literária: a diluição das fronteiras entre prosa e poesia. (CHAVES, 2005b, p. 123)

A transposição das fronteiras, citadas pela autora no excerto acima, mostra o trânsito de Ruy Duarte entre poesia e prosa. Entretanto, Chaves também argumenta que isso não assinala o empobrecimento de sua poética, mas revela a “manifestação do notável domínio do poeta” (CHAVES, 2005b, p. 125). Com isso, observamos que Duarte, mesmo antes de enveredar para prosa de forma mais contundente, já evidenciava sua maestria ao lidar com histórias de vida, ainda na escrita poética. Nela, assim como bem observa Chaves, há a “comunhão da poesia com a terra e com a consagração de um universo que ele escolheu como espaço privilegiado para demarcar a sua viagem” (CHAVES, 2005b, p. 125). É essa comunhão que faz o autor se sentir tão de dentro daquele universo que o exterior a ele já não serve mais como referência, conforme ele mesmo relata na obra *Vou lá visitar pastores* (2000).

Tais evidências da singularidade do autor são fatores preponderantes para a sua condição de desbravador de um espaço ainda pouco explorado na literatura angolana. Ruy Duarte foi um dos primeiros escritores a olhar para o Sul, mais precisamente para o deserto do Namibe. Semelhantemente, Rita Chaves acrescenta que “A adesão do poeta a temas próprios daquele campo que se cola ao seu ângulo de visão revela o à vontade com que ele transita pelas *anharas* que elegeu como solo de sua poesia” (CHAVES, 2005b, p. 125). E acrescenta:

Essa organização artística, adensada pela nitidez das referências do universo ainda pouco percorrido, mesmo pelos poetas angolanos, tem por base um conjunto de princípios que amplia a complexidade da literatura, sobretudo na representação estética de uma dicção que escapa aos limites da fala luandense, recorte até então privilegiado no panorama literário de Angola. (CHAVES, 2005b, p. 125)

Podemos inferir que Duarte procurou seguir o propósito de evidenciar outras vozes, por isso sua vida transumante. Conseqüentemente, exercitou a prática de conhecer uma realidade cambiante e híbrida, “como um jogo em que se deve aprender a natureza heterogênea do real” (CHAVES, 2005b, p. 126). Os elementos simbólicos dessa realidade vão sendo gradativamente incorporados ao discurso poético; e, assim, vislumbramos, pelo olhar do autor, as encenações de manifestações da vida cotidiana, das histórias ancestrais, da relação do sujeito com a oralidade e a escrita. O objetivo, conforme entendemos, é a construção da memória coletiva do outro frente à alteridade. Para Rita Chaves a ligação entre experiência e poesia, evidenciada no trabalho do autor, mostra “o desempenho do poeta como um narrador cuja voz exprime uma relação telúrica com o universo escolhido” (CHAVES, 2005b, p. 128).

Em outro texto Chaves destaca que Ruy Duarte difere-se por sua formação como cineasta e antropólogo que faz com que, ao frequentar os terrenos propícios para o desenvolvimento de suas habilidades, eleja “como matriz a tradição oral, com a qual ele estabelece um diálogo produtivo cujo resultado é o conjunto de manifestações que o próprio material sugere” (CHAVES, 2004, p. 4). São essas questões que estabelecem o alto grau de sofisticação semântica encontrada na poesia do autor, pois são “textos poeticamente trabalhados, são cantos que decorrem da capacidade de leitura de um poeta que articula as referências com a invenção que a poesia exige” (CHAVES, 2004, p. 4).

Tais questões revelam a complexidade criativa e multifacetada, engendrada e registrada em sua poética, conforme esclarece Chaves (2005b, p. 135). De modo que:

A sensibilidade precisa do cineasta e o interesse cuidadoso do antropólogo não se desintegram na composição do poeta, renunciando, antes, o perfil multiplicador de uma produção que ainda aposta na esperança, por que acredita no processo em que o artista vem investindo seu talento e sua crença. (CHAVES, 2005b, p.135).

Sendo assim, reconhecemos na poesia de Ruy Duarte os mesmos processos de construção e reconstrução de referências coletivas e intersubjetivas que continuam povoando sua produção narrativa, posteriormente. Isto posto, podemos dizer que o projeto de vida do autor é uma constante em seu trabalho, e os diferentes modos de apresentar isso, no decorrer do

tempo, só agregam ainda mais valor à múltipla capacidade intelectual desempenhada por Ruy Duarte. Ou, conforme Chaves (2004), o tempo só faz acentuar tal capacidade.

5 Quando se fala de política...

Fazedores de opinião...
Por toda a parte os há
e por toda a parte se revelam,
manifestam, no espaço
e nos terrenos que o poder,
que os poderes, lhes consignam...

Ruy Duarte de Carvalho (2003)

Em se tratando de Ruy Duarte de Carvalho, falar de política é falar das guerras, ou melhor, é falar das consequências de tanta guerra no imaginário de um povo que viveu e sofreu tudo isso. O autor faz alusão a muitas guerras: externas e internas; inicialmente pela dominação, posteriormente pelo poder. Esse tema povoou sua produção de modo mais explícito nos ensaios e nas narrativas, de modo mais sutil na poesia. Contudo, a guerra não passa de um mote para suscitar outras reflexões sobre a ordem política em Angola e seu modo de governar voltado para as elites. Com isso, percebemos que alguns teóricos se debruçaram sobre essas questões na obra de Duarte. Neste item evidenciaremos alguns trabalhos que tratam da temática explicitada.

Como já pôde ser visto até aqui, é evidente a contribuição da professora e pesquisadora Rita Chaves, da USP, para os estudos que contemplam o conjunto da obra de Ruy Duarte de Carvalho. No Brasil tem sido ela a maior responsável pela divulgação do trabalho de Ruy Duarte, assim como a publicação de algumas de suas obras neste país, como por exemplo: *Desmedida, Os papéis do inglês e Vou lá visitar pastores*. A despeito de seus trabalhos sobre a obra de Ruy Duarte, Chaves teve contato direto com o autor durante suas visitas ao Brasil, o que serviu para reforçar ainda mais suas boas impressões sobre ele. Sendo assim, no andamento deste artigo, procuramos fazer uma leitura sobre esses olhares críticos na obra de Duarte, o que revelou Rita Chaves como sendo a pesquisadora que mais tem se dedicado à análise global da produção intelectual do autor.

Sobre o modo como Ruy Duarte manifestou seu posicionamento político, Chaves afirma que “Ao buscar a Angola localizada no sul e no interior, ele procura inverter a perspectiva

dominante, abalar uma hegemonia que afronta o próprio projecto nacional em nome do qual se lutou e se escreveu tanto” (CHAVES, 2012b, p. 146). Podemos dizer que essa foi a bandeira de luta do autor e que sempre o manteve na contramão do projeto político nacional, como pode ser observado no trecho:

Porque em relação à reelaboração recente, e nossa, do passado colonial, e até pré-colonial, não custa verificar que nem todas as configurações sociais e grupais angolanas se têm visto atribuir a mesma ordem de protagonismo, de incidência dinâmica no curso da história e mesmo de legitimidades de hegemonia transportadas para o presente, verificando-se apenas, às vezes, a manobra de uma operação (ou de uma volta), adaptada aos interesses dominantes de agora... (CARVALHO, 2008, p. 71)

As constatações levantadas pelo autor denunciam as manobras políticas que visam mascarar as verdadeiras intenções, que continuam a serviço da dominação. Conforme Chaves, “A necessidade de relativizar os paradigmas da superioridade do pensamento dominante é uma questão fundamental para ele que, das teorias pós-coloniais, acolhe a hipótese de superar o primado da hegemonia ocidental” (CHAVES, 2012b, p. 147). Isso nos chama a atenção para uma característica peculiar em Ruy Duarte: seu modo particular de lidar com a questão política revela a ausência de ingenuidade ao tratar de assuntos desse tipo. Segundo Chaves, “A incerteza convicta que o move seria incompatível com a ingenuidade exercitada por outros viajantes.” (CHAVES, 2012b, p. 149). Tal questão pode ser verificada nas palavras do autor:

Os poderes actuais herdaram dos poderes coloniais não só o lugar de decisão mas também o ângulo da visão. E nem a cena podia ser outra, porque afinal os instrumentos cognitivos que uns e outros utilizaram e utilizam, independente da forma como o fizeram ou fazem, são os mesmos (as elites a quem foi transmitido o poder – de uma maneira ou de outra – foram, naturalmente, as mais ocidentalizadas. Como se o ocidente tivesse estendido um espelho à África no qual os africanos são hoje obrigados a ver-se). (CARVALHO, 2008, p. 43)

Ruy Duarte não poupou críticas à forma como as políticas governamentais foram e ainda são conduzidas em Angola. Para o autor, as elites apenas reproduziam o mesmo discurso dominador, disfarçado de libertário. A ideia exposta dialoga com o pensamento de Rita Chaves sobre a consciência política de Duarte: “O pós-colonial tem para ele outro sentido, isto é, o de um tempo aberto a novas formulações, o de um tempo que, sem ignorar o peso do império, propicia que já não seja a metrópole ou os seus herdeiros a definir caminhos” (CHAVES, 2012b, p. 155). De modo semelhante Laura Padilha também observa que Duarte, assim como

outros de seu tempo, representa uma geração de autores que “são convocados para sustentar as coordenadas de uma nova colocação geográfica percebida como capaz de trazer de volta o sentido de um projeto de nação que se perdeu” (PADILHA, 2012, p. 137). Ainda sobre essas questões, Manuela Sanches defende a importância da obra de Ruy Duarte para se pensar a pós-colonialidade:

Quando releio os seus textos, sobre eles reflico, neles reencontro propostas que, escritas a partir de outros lugares ou de lugares idênticos – África, Europa, Brasil –, me suscitam interrogações semelhantes, formas de ler o passado e o presente em que me revejo mais facilmente do que em outros autores. Como poucos escritores de língua portuguesa, Ruy Duarte de Carvalho faz da condição pós-colonial um tema recorrente na sua obra. (SANCHES, 2008, p. 4)

Contudo, apesar de se tratar de um autor que produziu muitas reflexões acerca do tema citado, ele não chega, ainda, a circular entre os pensadores da pós-colonialidade. Seria, pois, relevante pensar a condição pós-colonial “a partir de um autor ausente de antologias de circulação global sobre a matéria” (SANCHES, 2008, p. 4). Sanches afirma que o “pós” é, antes de tudo, um questionar, “um ponto de partida para um itinerário incerto [...], é uma perspectiva que se recusa as certezas de uma subjectividade segura, consciente de si” (SANCHES, 2008, p. 4). Sendo assim, conhecemos o leque de incertezas que permeia a lógica da condição pós-colonial no mundo acadêmico, e nesse quesito Ruy Duarte parece bastante seguro de seu posicionamento. Em relação a isso Sanches ainda acrescenta:

Há na escrita de Ruy Duarte de Carvalho algo que se furta a qualquer rótulo, mas que antecipa muitas das reflexões que noutros lugares se fizeram de modo afim, uma lucidez inquietante, uma amargura a raiar o cepticismo radical – mas não será esta condição da primeira? –, um constante autoquestionamento e auto-reflexividade que a sua escrita paraláctica, de longas frases, entremeadas por longos parênteses, a justificar e a questionar o que antes afirmou, vem confirmar. (SANCHES, 2008, p. 4)

A autora faz uma breve descrição do estilo Ruy Duarte de Carvalho de escrever, de se posicionar como cidadão angolano por opção que conhece a história de lutas de seu povo, e, sendo assim, sente-se autorizado a falar:

O que eu verdadeiramente desejo neste momento, como cidadão angolano, é que as eleições que aí hão-de-estar a vir cheguem a ser bem disputadas e que entretanto as partes envolvidas vão planejando alguma forma de concerto que possa ser encarada e posta em acto após a revelação dos resultados eleitorais. Concerto não apenas entre figuras, figuras e partidos mas também entre esses e os figurantes em cena, entre o poder e as populações, minoritárias ou não, que todas afinal o são. Um concerto que contemplasse também a relação entre as pessoas, democraticamente entendidas como

tal, e as elites que é suposto as representem e decidam por elas quer dentro das comunidades quer nos terreiros do poder central. Um concerto que tivesse em conta os termos efectivos de um interesse comum. Caso contrário tudo fica difícil de conceber, até a própria ideia de nação. A existência de uma nação, que é ainda entre nós um objetivo e de que tanto necessitamos para sobreviver, e até para nos podermos pensar, pressupõe, da parte dos governos, a percepção de denominadores e de plataformas de interesse comum que conjuguem, articulem, aproveitem e gratifiquem quantas expressões de sociabilidade, de cultura e de culturas tiverem para governar. Caso contrário, (...) continuo a não ver muito bem qual é entre nós o espaço e o lugar dos partidos e do multipartidarismo no concerto das culturas em presença. (CARVALHO, 2008, p. 34, 35)

Por toda a sua vida Duarte persistiu no sonho de ver a construção de uma nação igualitária, voltada para os interesses dos “figurantes”, e não apenas dos “figurões”, como sempre foi. Assim como também constata Sanches, há verdadeiramente “em Ruy Duarte de Carvalho uma forma de escrever o mundo nosso contemporâneo que permite leituras que coincidem, antecipam algumas das mais brilhantes propostas que o pensamento sobre a pós-colonialidade permitiu” (SANCHES, 2008, p. 4). De modo semelhante, Rita Chaves afirma que “Ruy Duarte busca elementos para melhor compreender Angola em seu projecto de nação, considerando-a num universo maior de relações, do qual nem Angola nem os angolanos podem estar ausentes” (CHAVES, 2012b, p. 156).

Em suma, Ruy Duarte de Carvalho se insere em um “Projeto de Nação” marcado pela diversidade, fazendo de sua escrita um espaço em que a heterogeneidade angolana também se inscreve. Em suas obras percebemos uma Angola diferente daquela descrita nos discursos coloniais, pois o atual espaço angolano abarca uma realidade composta por inúmeras possibilidades de interação social. E, sendo assim, é possível ver que Ruy Duarte se encaixa no grupo dos autores modernos que vai além do quadro da experiência visível e imediata, atuando como mediador entre a sociedade e a política; conforme ilustra muito bem Sanches: “Sem certezas, nem garantias, a não ser uma: a de que Angola, os seus pastores, o ‘terceiro mundo’ têm de caber num projecto capaz de reinventar a (pós)modernidade, além de qualquer utopia” (SANCHES, 2008, p. 4).

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Claudia Fabiana de Oliveira. **A jornada do herói em dois poemas de Ruy Duarte de Carvalho**. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v.1, n. 4, p. 81-91, jul. 2011. Disponível em: <http://setorlitafrika.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_4_7.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Vou lá visitar pastores**: exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1992-1997). Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

_____. **Os papéis do inglês** ou o Ganguela do Coice. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A câmara, a escrita e a coisa dita...** fitas, textos e palestras. Lisboa: Cotovia, 2008.

_____. **Desmedida**: Luanda - São Paulo - São Francisco e volta. Crônicas do Brasil. Rio de Janeiro: Língua geral, 2010.

CHAVES, Rita. **Literatura e identidade(s)**: algum percurso de Ruy Duarte de Carvalho. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel35/RitaChaves.pdf>>. Acesso em: 01 mai.2014.

_____. **Ruy Duarte de Carvalho**: antropologia e ficção na representação do mundo. In: Africa Review Of Books, Moçambique, p. 7-8, 2005. Disponível em: <http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-05-28T132018Z-2526/Publico/Marcia%20%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2014.

_____. A poética de Ruy Duarte de Carvalho: Memória e Cumplicidade. In: CHAVES, Rita (Org.). **Angola e Moçambique**: Experiência Colonial e Territórios Literários. São Paulo: Ateliê Cultural, 2005b.

_____. **Desmedida**: o Brasil, para além da paisagem, em Ruy Duarte de Carvalho. Remate de Males – 26(2) – jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3315/2790>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. A propósito da narrativa contemporânea em Angola: notas sobre a noção de espaço em Luandino Vieira e Ruy Duarte de Carvalho. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Orgs.). **África**: Escritas Literárias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/UEA, 2010.

_____. A viagem. In: LEITE, Ana Mafalda et al. (Org.). **Nação e narrativa pós-colonial**: Angola e Moçambique. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

_____. A Desmedida de Ruy Duarte de Carvalho: a viagem como síntese e invenção. In: LEITE, Ana Mafalda et al. (Org.). **Nação e narrativa pós-colonial**: Angola e Moçambique. Lisboa: Edições Colibri, 2012b.

LANÇA, Marta. **A viagem em Ruy Duarte de Carvalho**. São Paulo: Revista Via Atlântica n. 17, jun/2010.

NASCIMENTO, Márcia dos Santos. **Por uma geografia poética**: paisagem e escrita em Ruy Duarte. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte: CESPUC - MG, v. 14, n. 27, p.63-79, 2º sem.

2010. Disponível em: <http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_4_7.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2014.

_____. **Veredas ao sul**: a escrita ficcional de Ruy Duarte de Carvalho. Revista IPOTESI, Juiz de Fora: UFJF, v. 14, n. 2, p. 159 - 167, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/13-Veredas-ao-sul.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

_____. Romances como diários de viagem – o caso de Angola. In: LEITE, Ana Mafalda et al. (Org.). **Nação e narrativa pós-colonial**: Angola e Moçambique. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

QUINTAIS, Luís. Escolher o deserto. In. **Dei-me portanto a um exaustivo labor**. Lisboa: Jornal RDC, 2008. Disponível em: <<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/CCB/Documents/JornalRDC.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SANCHES, Manuela Ribeiro. Outros lugares, outros tempos. Viagens pela pós-colonialidade com Ruy Duarte de Carvalho In: **Dei-me portanto a um exaustivo labor**. Lisboa: Jornal RDC, 2008. Disponível em: <<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/CCB/Documents/JornalRDC.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

SOUZA, Marli Paz. **Do sul de Angola ao Nordeste brasileiro**: um itinerário poético. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2007. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/MarliPaz.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Ficções de si**: auto-etnografia em Ruy Duarte de Carvalho. Mulemba, Rio de Janeiro: UFRJ, v.1, n.7, pp.4519, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_7_1.php>. Acesso em: 15 ago. 2014.

[Recebido: 20 maio 15 – Aceito: 27 jul. 15]